

Corpo, performance e materialidade: por um olhar não-hermenêutico nos estudos sobre esporte

Body, performance and materiality: For a non-hermeneutical view in studies on sports

Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha¹
Ronaldo George Helal¹

RESUMO

A partir da obra de Gumbrecht, mas não somente dela, pretendemos sinalizar as aproximações possíveis de serem feitas entre a teoria das materialidades e os estudos sobre o esporte. Em outras palavras, como investigar o esporte adotando como repertório teórico as possibilidades levantadas pela materialidade da comunicação. Nesse sentido, revisamos brevemente a mudança de paradigma teórico em curso no campo das Ciências Sociais, bem como apontamos, na conclusão, caminhos de pesquisa a partir das ideias debatidas ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: esporte, materialidade, corpo.

ABSTRACT

From the work of Gumbrecht, but not only from it, we want to show the approaches that can be made between the theory of materialities and studies about sport. In other words, we intend to investigate sports adopting the possibilities given by the materiality of communication as a theoretical repertoire. In this sense, we briefly review the theoretical paradigm shift that is taking place in the field of Social Sciences and we point out, in the conclusion, research paths from the ideas discussed throughout this work.

Key words: sport, materiality, body.

Introdução

Presenciamos atualmente uma gradual revalorização de um paradigma até então pouco estimado e utilizado pelas Ciências Sociais. Enquanto a Sociologia Clássica

ou do Social (Latour, 1994), herdeira do pensamento e do método de Émile Durkheim, foca-se no sujeito – o homem como o grande eixo sobre o qual o mundo gira –, a “nova” Sociologia, vinda do resgate dos ideais de Gabriel Tarde por Latour e outros², pleiteia um olhar mais detido para os objetos (os não-humanos ou inumanos). A própria noção de modernidade e pós-modernidade é

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, 20550-013, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mails: faustoarp@hotmail.com, rhelal@globocom.

² Latour afirma que: “I’m convinced that if sociology had inherited more from Tarde (not to mention Comte, Spencer, Durkheim, and Weber), it could have been an even more relevant discipline” (2005, p. 14).

posta em xeque por Latour no livro *Jamais fomos modernos* (1994). Gumbrecht, por outro lado, ainda crê na validade dessas duas “condições”, teorizando sobre ambas³ (1998, p. 137-151).

Outro deslocamento presente nessa sociologia das associações ou associologia (Latour, 2005) ou sociologia das ciências e das tecnologias (Callon e Law, 1997) está na abordagem metodológica. Ressaltamos que a tradição moderna ocidental adota a hermenêutica, na interpretação de textos e imagens, como fonte primordial de obtenção do conhecimento e método legítimo de seu fazer científico. Bruno Latour, Steven Shaviro, Michel Callon, Hans Gumbrecht e outros teóricos, por sua vez, mudam a perspectiva na descrição dos objetos pesquisados. Para esses autores, devemos esgotar um objeto por meio justamente de sua descrição – artifício arduamente criticado por muitos orientadores de teses e dissertações em Ciências Sociais, como destacou André Lemos em sua palestra na Compós 2012⁴. No decorrer desse processo descritivo, encontraríamos as respostas e os achados que procurávamos inicialmente, ou não, mas apostas erradas também fazem parte da ciência.

Um dos principais autores a documentar esse processo de “retomada” epistemológica e empírica foi Hans Ulrich Gumbrecht. Em seu livro *Produção de Presença* (2010)⁵, logo nos dois primeiros capítulos, ele fornece aos leitores um elucidativo panorama histórico do interesse acadêmico pela dimensão material dos objetos. Nesse sentido, tomamos emprestadas as palavras de Erick Felinto (2001, p. 4) para justificar nossa predileção por esse autor alemão: “A trajetória intelectual de Gumbrecht pode ser tomada paradigmaticamente como núcleo para uma genealogia da teoria das materialidades da comunicação”.

O presente artigo se propõe a esclarecer a forma como esse intelectual alemão trabalha com as questões inerentes ao esporte (corpo, prática, recepção) em seus livros *Elogio da Beleza Atlética* (2007) e *Corpo e Forma* (1998). Além desses, utilizaremos também o já bastante conhecido e citado *Produção de Presença* (2010). Buscamos destacar primordialmente onde seu pensamento sobre o esporte cruza com os conceitos dessa nova sociologia. Fomos motivados pela impressão de que o paradigma clássico da sociologia, de bases hermenêuticas, predomina nos estudos acadêmicos que trabalham com a interface entre mídia e esporte⁶.

O elogio de Gumbrecht ao Esporte

Qual seria a melhor maneira de começarmos uma parte do artigo que trata da contribuição de Gumbrecht aos estudos sobre esporte do que contando um pouco da história desse alemão? Discípulo de Hans Robert Jauss na Universidade de Bochum, Gumbrecht possui forte formação literária e fez parte da segunda geração da Escola de Constança, que defendia uma estética da recepção⁷ como teoria e método literários. Desde 1989, professor de literatura comparada da Universidade de Stanford nos EUA, ele conta com uma formação acadêmica globalizada, tendo estudado em Paris, Munique, Salamanca, além de periodicamente, desde a década de 1970, vir ao Brasil ministrar cursos e palestras⁸. Com 26 anos, já havia obtido

³ Para uma discussão sobre o conceito de Moderno ao longo da História, baseada na reflexão de Gumbrecht, ver o artigo de Araujo (2006).

⁴ Palestra de apresentação do artigo “Espaço, Mídia Locativa e Teoria Ator-Rede”, no GT Comunicação e Cibercultura, realizada no dia 14/06 das 14h às 16h, durante a XXI Compós em Juiz de Fora.

⁵ Para uma crítica dessa obra, sugiro a leitura da resenha de Daher e de sua tréplica (2011a, 2011b), bem como da resposta de Gumbrecht à resenha e à tréplica (2011a, 2011b). Nesse debate, de argumentos apaixonados de ambos os lados, destaco a diferenciação que Daher (2011b) expõe entre sentido e significado e a explicação de Gumbrecht para como essa dicotomia epistemológica aparece em sua obra.

⁶ Para ilustrar o que dizemos, no Intercom 2011 (Recife), dos 24 trabalhos apresentados no GP Comunicação e Esporte (dentro do DT 6 – Interfaces Comunicacionais), totalizando 346 entradas bibliográficas, apenas uma se referia a um autor das “materialidades” (Gumbrecht), a saber: “O espetáculo do futebol” de Telles e Silveira (2011). Se considerarmos McLuhan como um autor antecipador de alguns pressupostos das materialidades, teríamos mais um artigo: “A internet como meio de protesto” de Andréia Gorito. Por outro lado, os autores da sociologia clássica são mais lembrados, por exemplo: Hobsbawm tem sua obra citada em 4 ocasiões; Pierre Bourdieu, em 3; Stuart Hall, em 2; Guy Debord, em 4.

⁷ Em poucas palavras, essa corrente acadêmica, inaugurada por Jauss em oposição ao estruturalismo então em voga, foca no leitor e nas condições sociohistóricas em que sua leitura se processa.

⁸ Para entender um pouco da influência brasileira em Gumbrecht e de seu afeto pelo nosso país, ver Antonioli e Batalhone (2009).

a certificação acadêmica alemã (*Habilitationsschrift*) que lhe permitia orientar doutores – válido enfatizar o quão difícil é obtê-la; Walter Benjamin, por exemplo, não a conseguiu, mas devemos levar em conta, é claro, o contexto sociohistórico que separa os dois pensadores (Rocha, 1998, p. 7). Seus interesses são tão plurais quanto sua formação, passando dos esportes à política, tendo como suporte teórico tanto a filosofia quanto a história e a literatura. Seus trabalhos convergem “em torno da rubrica das ‘materialidades da comunicação’” (Silveira, 2010, p. 184). Sua busca é por uma maior igualdade, de atenção e de quantidade de trabalhos, entre os paradigmas hermenêutico (ou clássico) e não-hermenêutico, e não pela substituição completa de um sistema por outro (o que seria um erro, além de uma incongruência ideológica). Em uma linha evolutiva dos estudos de mídia, podemos dizer que Gumbrecht resgata, em certa medida, o ideário McLuhaniano, que aproxima os meios de comunicação da experiência sensível.

A definição gumbrechtiana de esporte perpassa a descoberta de pontos em comum entre suas diferentes modalidades (boxe, futebol, basquete, vela, etc.) e que considerem também as motivações de sua atração estética. Para ele, “[...] qualquer coisa a que chamemos de esporte é uma forma de performance, ou seja, qualquer tipo de movimento corporal visto da perspectiva da presença” (Gumbrecht, 2007, p. 66). Ele identifica, nas performances atléticas, a preponderância da *arete* sobre o *agon*. *Arete* “significa buscar a excelência com a consequência (mais que com o objetivo) de elevar algum tipo de performance a limites individuais ou coletivos” (Gumbrecht, 2007, p. 56). Essa visão do esporte proporcionada pela *arete* lhe conferiria um caráter mais elevado, menos sujeito às críticas normalmente feitas pelos intelectuais, que se baseiam em sua dimensão competitiva (*agon*) e, por vezes, violenta. Ele destaca ainda a cisão entre os esportes e o mundo do dia-a-dia, o real banal: “Ao tornar possíveis o *agon* e o *arete*, as regras dos esportes confirmam e consolidam a insularidade que separa o esporte do mundo do cotidiano” (Gumbrecht, 2007, p. 61). Para os teóricos da Escola de Frankfurt essa dissociação entre o mundo “real” e o dos esportes seria visto como alienador das massas. Não obstante, em Gumbrecht, esse afastamento do cotidiano é visto como condição precípua de recepção e apreciação do espetáculo esportivo.

Gumbrecht diagnostica, no livro *Elogio da Beleza Atlética*⁹ (2007), um descaso da academia com a temática

do esporte. Semelhante análise era compartilhada pelos intelectuais brasileiros que trabalhavam com o esporte na década de 1990, como Ronaldo Helal (1990) e Roberto DaMatta (1982). Ele dirige sua crítica àqueles que adotam uma perspectiva clássica para abordar o esporte ou apenas o veem como um tema de menor importância, não digno de ser pesquisado ou tido como experiência cultural e de lazer. Utilizam-no como algo menor, mera “escada” para falar de outras esferas sociais ou como metáforas da sociedade – “escrever sobre o esporte em nome de uma causa não-esportiva” (Gumbrecht, 2007, p. 29). Ou ainda o superdimensionam, como o fez o antropólogo Roger Callois ao elevar o esporte à esfera do sagrado. Não falam do esporte em si, apenas o descrevem ou criticam. Não o elogiam, e daí vem o ressentimento do autor alemão. A veia da nova sociologia fica evidente nessa crítica à abordagem iluminista do esporte por grande parte dos intelectuais, que consiste em somente criticar o esporte, ao invés de utilizá-lo “como instrumento de crítica” (Gumbrecht, 2007, p. 30, grifos do autor).

Logo nas páginas iniciais do livro supracitado, Gumbrecht coloca-se como um sujeito torcedor, utilizando-se da terceira pessoa do singular para impessoalizar seu discurso. Poderia ser qualquer leitor a relatar aquelas experiências. De forma nostálgica, por vezes poética, o “ele” narrativo relata suas memórias de ídolos e cenas de esportes diversos, como o sumô, o hóquei no gelo e o atletismo. Evidenciam-se as formas dos atletas e seus corpos, em traços ora de uma trivialidade próxima ao homem comum, ora quase divina, ressaltando a perfeição performática. Buscaríamos incorporar as sensações de nossos ídolos ao vê-los em campo: “Em sua memória, você [...] sente um impulso percorrer seus músculos, como se para corporificar o feito de seu herói” (Gumbrecht, 2007, p. 23).

Parece-nos que, por meio dessa catarse de emoções, Gumbrecht quer introduzir seu argumento quanto ao poder que a beleza atlética exerce sobre os receptores (os torcedores). Mais do que pelos argumentos e pela razão, seu discurso busca convencer através dos sentimentos que suas palavras despertam – efeitos de presença. Compartilhamos das sensações experienciadas pelo sujeito narrativo e nos sentimos tocados pelas imagens vivas de sua memória. “Essa determinação em ver e em valorizar a beleza atlética como encarnação dos valores mais altos da cultura é o que desejo chamar de *elogio*. E essa capacidade de fazer elogios é o que perdemos – ao ponto de a própria ideia nos parecer embar-

⁹ É importante destacar que esse livro foi inspirado por um artigo que Gumbrecht publicou no suplemento cultural *Mais!* da *Folha de São Paulo* em 11 de março de 2001 (Gumbrecht, 2010, p. 200).

çosa” (Gumbrecht, 2007, p. 26-27, grifos do autor). O elogio de Gumbrecht seria uma forma de gratidão aos momentos de prazer e vitalidade que os atletas – heróis em suas breves carreiras – nos proporcionaram (2007, p. 175-178).

O pensador alemão debate ainda o caráter estético do esporte, contrapondo-o a outras experiências estéticas¹⁰ e criticando, em diversos momentos, os intelectuais que rebaixam o esporte a uma categoria distinta das obras de arte. Nossa ideia de experiência estética estaria impregnada pelos preceitos da dita “alta cultura”, uma ideologia transmitida e interiorizada por todas as classes sociais. Em outras palavras, ele busca o *belo* no esporte e indaga sobre sua validade enquanto obra de arte^{11,12}. Acredito que o esporte possua uma beleza peculiar, sendo arte, ainda que não seja uma obra estática, imodificável e atemporal (típica dos museus de arte).

Outra reflexão interessante nesse sentido nos é apresentada por Gebauer e Wulf, que aproximam o esporte do teatro e do ritual pelo caráter mimético dos três, mas o diferencia enquanto forma artística: “[...] o esporte não é nenhum dos dois, nem arte nem ritual, mas uma alternativa, como uma terceira via que se desvia de um caminho originário comum” (Gebauer e Wulf, 2004, p. 159). Na obra desses autores, *Mimese na cultura*, é interessante a leitura que os autores fazem do esporte em seu caráter mimético, como algo já dado (em suas regras e rituais), mas aberto a apropriações e formado por uma rede de associações maior que o sujeito (“os gestos, os outros jogadores, os concorrentes, os espectadores, semelhantes situações antigas e resultados”). Guardadas as distinções de pesquisa e objeto, proposição teórica próxima a de Gumbrecht (2007), quando este trata da produção de presença no esporte, e a de Latour (2005), sobre as redes sociotécnicas que ensejam as ações: “o esporte é um meio comunicação/ ele recebe o indivíduo em um mundo criado mimeticamente” (Gebauer e Wulf, 2004, p. 159).

Com o auxílio de Kant em sua *Crítica do Juízo*, Gumbrecht busca subsídios para sustentar sua argumentação sobre o caráter belo do esporte, distinto das outras artes, bem como seu apelo atrativo enquanto experiência estética. Ele faz, porém, uma ressalva para os malefícios do esporte, entre os quais inclui o estresse. No livro *Culto da performance*, essa relação entre esporte e desempenho é melhor explicitada, com um forte tom crítico, evidenciando os laços estabelecidos entre esporte e empresa, onde o primeiro serve de metáfora para as apropriações feitas pela segunda: “Hoje, a referência ao esporte está baseada na banalidade mais degradante, e sua inserção nas técnicas de motivação dos empregados não causa nenhum espanto” (Ehrenberg, 2010, p. 10).

A experiência estética, na ótica kantiana, seria desinteressada tanto para os atletas quanto para a audiência e estaria baseada em um sentimento interiorizado (e não passível de racionalização), tendendo a universalidade do senso comum (por exemplo, a unanimidade nacional em torno da beleza do futebol praticado pela Seleção Brasileira de 1970). Acrescenta também o olhar focado de espectadores e atletas, que se desligam momentaneamente de suas vidas “reais” durante os eventos esportivos e concentram suas atenções apenas no esporte – o que ele denomina de “intensidade da concentração” (Gumbrecht, 2007, p. 45). *Obelo* possui uma “impressão de intencionalidade”, ainda que não a possua, tendo, na verdade, um fim em si mesmo (Gumbrecht, 2007, p. 40). De todo modo, Gumbrecht prefere manter separada a experiência estética de uma obra de arte daquela do esporte, apesar de considerar que: “a arrancada de Jesse Owens no final do revezamento dos quatrocentos metros rasos na Olimpíada de 1936 [...] é tão bela quanto as melhores esculturas de Michelangelo” (2007, p. 41). E propõe uma: “[...] compreensão da beleza específica do esporte em meio a todas as outras variedades da experiência estética” (2007, p. 43).

¹⁰ Cabe aqui deixarmos claro o que o autor entende por experiência estética, expressão que será repetida algumas vezes em meu ensaio: “Procuro descrever como “experiência estética” qualquer experiência que oscile entre efeitos de significado (no sentido de “significação”) e “efeitos de presença” (qualquer experiência que não se esgote na significação, como tem-se tornado típico da cultura atual)” (Gumbrecht, 2011b, p. 5). É interessante notar aqui que, ainda que defenda a importância da dimensão da presença, Gumbrecht não exclui a existência da produção de sentido (Gumbrecht, 2010, p. 39).

¹¹ Acerca desse status do esporte enquanto arte, ver o segundo capítulo do livro de Melo (2006), intitulado “Esporte e Arte: a natureza do diálogo”. A partir desse, descobrimos também o texto “Esporte – visto esteticamente e mesmo como arte?” de autoria de Welsch (2001).

¹² Dúvida semelhante perpassa Luís Fernando Veríssimo em crônica publicada no jornal *O Globo* (2012): “Pouca gente ‘aprecia’ futebol como se fosse uma obra de arte. ‘Apreciar’ significa distanciamento, um prazer puramente estético sem outro tipo de envolvimento. Quem gosta mesmo de futebol [...] É um apaixonado, e um apaixonado não ‘aprecia’”. Aqui encontramos a mesma pergunta, mas com uma resposta pronta: não seria possível enxergar o futebol como obra de arte. Podemos criticar a separação incisiva que Veríssimo propõe entre os sentimentos associados à obra de arte: por que só poderíamos apreciá-la e não nos envolvermos com paixão?

Percebemos até aqui uma crítica e uma aproximação teórica na obra de Gumbrecht: crítica à metodologia hermenêutica comum aos trabalhos acadêmicos sobre esporte – ele quer elogiar, não interpretar¹³; aproximação em relação à teoria das materialidades, uma vez que ele se propõe a analisar os corpos quase como objetos, o que compreenderemos melhor no próximo tópico.

Produzindo presença no esporte

Primeiramente, é importante expormos a definição de presença. Segundo Gumbrecht: “Algo presente é algo que está ao alcance, algo que podemos tocar, e sobre o qual temos percepções sensoriais imediatas” (Gumbrecht, 2007, p. 50). Sucintamente, o termo produção de presença é utilizado “para designar os efeitos da materialidade da comunicação” (Hanke, 2006, p. 6). É peremptório lembrar que materialidade não se refere somente a aspectos físicos de um meio, o que implica não desconsiderarmos os efeitos de presença em um estádio, ainda que não possamos, enquanto espectadores, tocar literalmente a bola, o gramado, o tatame, os corpos dos atletas. A *presença* estabelece seu espaço quando a diferenciamos do *significado*¹⁴. Esse é, aliás, outro ponto de oposição entre a sociologia clássica e a sociologia das associações.

A presença leva em conta a materialidade dos objetos, ainda que não exclua totalmente sua dimensão interpretativa (única preocupação dos sociológicos do significado - hermenêuticos). A presença seria anterior a qualquer tipo de concessão de significado, como nas performances do tenista Roger Federer: “[...] a forma e o ritmo desses movimentos [do tenista], como objeto de nossa percepção e de nossa memória, tendem a se tornar independentes daquilo que poderíamos interpretar neles” (Gumbrecht, 2007, p. 62). Michael Hanke (2006, p. 8), nesse sentido, afirmará que: “[...] qualquer metodologia nas ciências humanas que inicia a investigação na materialidade deve alcançar o nível da interpretação, e vice-versa, a interpretação tem que considerar as condições materiais de

produção deste sentido”. Sendo mais específico em relação à proposta desse artigo: “O esporte, segundo Gumbrecht, não se propõe a representar nada que não seja sua própria produção de presença” (Rocha, 1998, p. 20).

É pela presença (física e ao vivo) que assistimos a performance de atletas praticando algum esporte. Gumbrecht, todavia, não exclui a dimensão da ação no esporte, que seria a atribuição de significado aos corpos, lances, movimentos. A recepção aqui não é um ato de passividade, como poderíamos supor em uma análise marxista superficial. Ela envolveria duas atitudes primordiais por parte dos espectadores: análise estratégica do jogo/apresentação/performance e comunhão com os demais torcedores nas arquibancadas (Gumbrecht, 2007, p. 145). A intensidade do ao vivo pode ser aproximada do conceito de aura do objeto artístico original em Benjamin (2000): “Nenhuma fotografia congelada jamais será capaz de captar a beleza dessa realidade temporalizada [a jogada de futebol americano descrita]” (Gumbrecht, 2007, p. 134-135). O caráter dramático é igualmente importante para o potencial aurático do esporte se concretizar, tanto ou mais que as vitórias. As derrotas dramáticas constroem lendas, cercadas de uma aura especial, como o Boston Red Sox e a Seleção Brasileira de 1982, citados por Gumbrecht (2007, p. 63-64).

A dimensão da presença se manifestaria também no estar junto para torcer (o sentido de comunhão entre torcedores fanáticos de que falamos alhures) - um ato de não intencionalidade (ausência de atribuição de significado) e de afastamento das regras cotidianas que condenariam o conagraçamento do indivíduo na multidão. O gritar em conjunto “É campeão” seria a manifestação física dessa presença: “trata-se de um ponto físico de autoreferência pelo qual a multidão percebe a si mesma e transforma-se num corpo único” (Gumbrecht, 2007, p. 151).

Outrossim, o teórico destaca a distinção entre a interpretação posterior e a assistência ao vivo do embate esportivo. Trata-se de uma árdua tarefa descrever em palavras o prazer estético (Gumbrecht, 2007, p. 47). Para ele: “[...] os significados que atribuímos aos corpos e aos movimentos nunca correspondem totalmente ao impacto emocional de sua presença física” (Gumbrecht, 2007, p. 47). Aqui, temos presentes duas vertentes do pensamento

¹³ Esclarecemos o sentido em que utilizamos essa palavra ao longo do texto: “Interpretar o mundo quer dizer ir além da superfície material ou penetrar nessa superfície para identificar um sentido (isto é, algo espiritual) que deve estar atrás ou por baixo dela” (Gumbrecht, 2010, p. 48).

¹⁴ São sete as diferenças esmiuçadas por Gumbrecht. Não as detalharemos aqui por não ser o objetivo primordial do artigo (Gumbrecht, 2007, p. 51-54).

gumbrechtiano. Uma que diz respeito à atenção que legamos à presença dos diferentes suportes para a produção de sentido em dada experiência. O que, em seguida, nos remete à materialidade desse suporte, por exemplo, papel, pedra, tela de LED. No esporte, a presença pode ser mais bem experienciada ao vivo, em comunhão com os atletas que a produzem, e a materialidade se encontra primordialmente no corpo dos atletas. No desempenho corporal desses indivíduos, incluída suas conseqüentes manifestações (corrida, pulos, saltos, cabeçadas), está grande parte do *belo* e da experiência estética do esporte.

Em *Elogio da beleza atlética*, ele propõe uma reflexão do esporte a partir, e tão somente, dos corpos dos atletas, entendidos em sua materialidade e presença. É interessante perceber a objetivação que ele faz desses corpos, aproximando-os quase de objetos. Ele quer tê-los como base de seu pensamento. Assim expõe sua proposta:

O que poderia significar, afinal de contas, escrever sobre o “esporte como esporte”? [...] o que estou me comprometendo a fazer neste livro, portanto, é uma coisa bem diferente e simples: vou tentar manter os olhos e a mente concentrados nos corpos dos atletas, em vez de abandonar o tópico do esporte para “interpretar” esses fenômenos como uma “função” ou uma “expressão” de alguma outra coisa (Gumbrecht, 2007, p. 31).

No mesmo livro, ele traça ainda uma curta história do Esporte, desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, passando pela Idade Média e pela Moderna. Nas Olimpíadas pan-helênicas, os corpos nus, untados em óleo, eram norma; uma regra cultural, como salientado por Gumbrecht (2007, p. 72). O reflexo do corpo, sob a luz do Sol, produzia uma imagem aurática, que distanciava o atleta dos espectadores, “homens comuns”. O desempenho atlético era evidenciado pelos membros desnudos. Este seria um dos fatores para atração da audiência: “estar na presença [...] dos corpos reluzentes dos atletas” (Gumbrecht, 2007, p. 73). Outro fator preponderante era a oportunidade de estar diante de heróis em uma arena que mimetizava, com eficácia, um palco religioso para o culto a divindades de carne e osso. O estádio em formato de um anel fechado aumentaria a sensação de se estar à parte do mundo, em outra dimensão da realidade. Percebe-se aqui, uma vez mais, “o problema dos desejos de transcendência, [...] objeto de reflexão constante na obra de Gumbrecht” (Araújo, 2006, p. 321).

No período medieval, o significativo possuía uma função mais preponderante e não havia uma separação

clara entre forma e substância, corpo e espírito, vide a cerimônia católica de transubstanciação do corpo de Cristo pela hóstia, isto é, torná-lo novamente presente (Gumbrecht, 2010, p. 50-52). Por outro lado, na Idade Moderna, durante o Iluminismo, houve uma supervalorização da mente e do intelecto, relegando o corpo e a atividade física a segundo plano: “A disseminação do livro impresso como meio de comunicação, desde o final do século XV, introduziu uma mudança estrutural que fez com que as formas comunicativas passassem a excluir o corpo tanto quanto possível” (Gumbrecht, 1998, p. 121).

Esse cenário começa a mudar com a fascinação crescente com os esportes entre os séculos XVIII e XIX e com a influência de autores como Goethe e Rousseau, que ressaltavam a importância da prática de atividades físicas. Assim: “O fato de que muitas montanhas famosas dos Alpes foram escaladas pela primeira vez por cavalheiros prósperos do final do século XVIII pode ser interpretado como sinal precoce de uma mudança cultural na direção dos sentidos e da experiência corpórea” (Gumbrecht, 2007, p. 89-90). Logo depois, o lazer, como atividade extracotidiana (fuga da rotina), passou a ser buscado por todos, e não somente pelas classes mais abastadas na Europa. Essa busca por atividades corpóreas, em uma época de valorização da razão, coaduna-se com a afirmação de Gumbrecht de que, em sociedades onde o significado é maior que a presença, esta tende a se manifestar por diferentes meios visando a “equilibrar a balança”.

Nos regimes fascistas do século XX, a separação corpo e espírito volta a ser novamente enfatizada e divulgada pela imprensa oficial (Gumbrecht, 1998, p. 129-130). Enfim, percebe-se uma não-linearidade na história do esporte, a despeito de algumas convergências, desde a Antiguidade até os dias atuais.

Ao tratar aqui do corpo humano e de sua materialidade, não podemos deixar de mencionar os estudos já produzidos na área de Comunicação e Esporte e que buscam relacionar o estilo de jogar futebol brasileiro às nossas danças e gíngas características. Como salientado por Lovisoló e Soares (2011), muito se tem escrito sobre essa suposta associação, mas pouquíssimas pesquisas tentaram efetivamente descobrir a real ligação entre o estilo brasileiro, com seus movimentos corporais peculiares, e a dança. Acreditamos que os *insights* teóricos de Gumbrecht poderiam vir a ser justamente o suporte que os pesquisadores brasileiros buscavam para encaminhar suas investigações nesse sentido. Tentar, por exemplo, encontrar a resposta através do fascínio dos torcedores

pelos corpos atléticos e da associação entre estes corpos e o mundo natural (ar, terra, água).

Destacamos ainda não perceber uma separação entre as dimensões da natureza e da cultura na discussão de Gumbrecht sobre o esporte. Pelo contrário, elas se entrecruzam em muitos momentos de sua argumentação. Em Gebauer e Wulf, essa ligação é melhor dimensionada: “o esporte é uma lembrança de como os homens se comportam diante do meio ambiente (material e pessoal)” (2004, p. 160).

Outro ponto é a relação entre corpos humanos e não-humanos em esportes como as corridas de Fórmula-1 e de cavalos. Aqui fica evidente a associação entre dois atores visando à melhor performance em conjunto. Tanto o carro de corrida quanto o cavalo são dotados de agências, no sentido latouriano, e sem a perfeita interação com eles, o piloto e o jôquei não desempenham corretamente suas atuações. “O fascínio dos hipódromos e dos autódromos está nessa fusão dos corpos humanos extraordinários com forças animais ou mecânicas superiores” (Gumbrecht, 2007, p. 127). A relação dos meios enquanto extensores dos corpos humanos já era destacada, ainda que com outro enfoque, por McLuhan em sua clássica obra *Os meios de comunicação como extensões do homem* (2001).

Por fim, reiteramos que a materialidade está presente quando analisamos o suporte de assistência do jogo. Estar no estádio acompanhando ao vivo seria uma experiência estética dotada de maior presença do que assistir ao jogo em casa diante da TV ou escutando rádio. Compartilhar do espetáculo com uma multidão de aficionados pelo esporte produziria uma presença distinta. Segundo Gumbrecht: “Como sua realidade está na tela da TV, as jogadas do campo não se aproximam de seus corpos nem partem deles, e isso muda fundamentalmente a dinâmica da troca de energia” (Gumbrecht, 2007, p. 156). Mas, como é típico de seu fazer teórico, ele não atribui um julgamento de qualidade às duas experiências: “Assistir a esportes pela TV e assistir a esportes no estádio são apenas duas formas de lazer diferentes e igualmente legítimas” (Gumbrecht, 2007, p. 156). Inclusive, chega a dotar a TV de um potencial crescente de presença: “O argumento segundo o qual uma ida ao estádio jamais poderia atingir

a pletera de detalhes e a visão geral da ‘cobertura esportiva’ possibilitada pela televisão se torna cada dia mais forte e convincente” (Gumbrecht, 1998, p. 134). Sobre os estádios, não podemos negligenciar também sua dimensão material peculiar, que nos proporciona sensações tão díspares quando cheio em dia de jogo e vazio durante os outros dias. Gumbrecht, aliás, deixa explícita sua fascinação por estádios vazios em regiões centrais das cidades (2007, p. 157-159).

Considerações finais

Adepto e um dos fundadores da (nova) corrente filosófica das materialidades – sendo denominado neosubstancialista por críticos –, essa influência perpassa todos os textos de Gumbrecht utilizados nesse artigo. Ele reitera, sempre que possível, que “[...] é um equívoco crer que as humanidades e as artes devam lidar exclusivamente com fenômenos constituídos de significação e não com fenômenos baseados na substância” (Gumbrecht, 2011a, p. 3). Destaca também a importância do fascínio exercido pelo esporte sobre as pessoas para sua continuidade e seu sucesso. Sem essa vontade e o prazer dos torcedores em estarem presentes nos eventos esportivos, estes, com certeza, não ocupariam o lugar de destaque que hoje possuem em nossa sociedade. Não podemos nos esquecer de mencionar o caráter crítico relacionado ao esporte que perpassa alguns trechos de sua obra, afastando-se do tom almejado por sua história descritiva¹⁵.

Ressaltamos a visão diferenciada do esporte efetuada por Gumbrecht, através das noções de materialidade e presença, buscando nele um significativo para experiências estéticas, e não apenas um meio para a produção de sentidos. Daí, entendemos a ênfase do autor na observação dos corpos e de sua perfeição atlética, que nos proporcionariam prazeres efêmeros, inexplicáveis hermeneuticamente e extracotidianos. A dimensão da presença, como vimos, seria concretizada na assistência

¹⁵ Sobre isso, é interessante notar que o próprio Gumbrecht é reticente quanto às suas reais condições de fazê-lo; vejamos: “No que segue, eu gostaria de me abster de julgamentos de valor. No entanto, como minha ‘socialização intelectual’ teve lugar na tradição alemã, sou levado a considerar qualquer esperança de realizar este desejo como ingênuo” (1998, p. 118). No livro *Em 1926: vivendo no limite do tempo*, logo nas primeiras linhas, ele esclarece seu *modus operandi*, que se assemelha muito à sua proposta de história descritiva e a uma ética não-hermenêutica: “Cada verbete abstém-se tanto quanto possível de ‘expressar’ a voz individual do autor, de interpretações profundas e de contextualizações” (Gumbrecht, 1999, p. 9).

ao vivo de um espetáculo esportivo, dotado de beleza artística singular, distinta a de outras esferas da arte e da cultura. Pensar o esporte, pelo viés da teoria das materialidades, implica considerar as condições socio-históricas e materiais da recepção (no estádio, em casa, no bar, pela TV, pelo rádio), e a produção de presença que lhe é inerente.

O estudo da obra de Gumbrecht aponta para alguns caminhos até então pouco ou mal explorados nos estudos da relação entre mídia e esporte. Dentre aqueles que ficaram mais evidentes para nós estão: (i) uma historiografia da relação entre o corpo atlético e as imagens dele veiculadas nos meios de comunicação - abordar o corpo pela ótica de presença (a beleza atlética, a perfeição de movimentos); (ii) pesquisas de recepção que enfoquem as motivações dos espectadores em permanecer horas semanalmente acompanhando ao vivo ou lendo notícias sobre esporte (de onde viria esse fascínio é a grande questão de Gumbrecht); (iii) retratar, por meio de uma narrativa imagética, estórias icônicas do esporte¹⁶ ou a história de uma modalidade esportiva por meio de imagens a ela associadas (essa seria uma forma de historiografia mais descritiva e focada na presença); (iv) elencar quais seriam as materialidades presentes em uma dada modalidade esportiva ao longo do tempo (e questionar-se sobre suas temporalidades - quais os motivos da mudança); (v) discussões epistemológicas sobre os estilos de jogo no futebol e em outros esportes a partir do referencial das materialidades; (vi) entender a produção de presença que diferentes meios de comunicação produzem ao transmitir esporte (isso, em parte, já é feito, ainda que de forma rudimentar e restrita ao futebol, quando se compara a narração radiofônica e a televisiva); (vii) investigações acerca do relacionamento associativo entre os atletas e seus instrumentos de trabalho (bolas, luvas, uniformes, tacos, raquetes cavalos, carros), enquanto potencializadores ou vitais para seu desempenho.

Poderíamos continuar indefinidamente traçando possibilidades de pesquisa a partir de Gumbrecht, mas creio que aquelas que foram aqui avultadas já nos permitem perceber como a interface Comunicação e Esporte pode ser afetada positivamente pelo legado teórico de Gumbrecht e, a partir de suas ideias, construir novos *corpus* de pesquisa, enfoques temáticos e investigações epistemológicas. Terminamos por concluir que o esporte, sendo fundado no corpo, é predominantemente cultura de presença.

¹⁶ Nessa perspectiva, ver Amaro e Gauziski (2012).

Referências

- AMARO, F.; GAUZISKI, D. A narrativa imagética de uma partida de futebol no Instagram. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, VI, Novo Hamburgo, 2012, *Anais...* Novo Hamburgo, 1:1-15.
- ANTONIOLLI, J.; BATALHONE, V. 2009. Entrevista com Hans Ulrich Gumbrecht. *Aedos*, 2(5):152-159.
- ARAUJO, V.L. de. 2006. Para além da auto-consciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht. *Varia Historia*, 22(36):314-328.
- <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752006000200005>
- BENJAMIN, W. 2000. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: L.C. LIMA (org.), *Teoria da Cultura de massa*. São Paulo, Paz e Terra, p. 221-254.
- CALLON, M.; LAW, J. 1997. After the individual in society: lessons on collectivity from science, technology and society. *Canadian Journal of Sociology*, 22(2):165-82.
- <http://dx.doi.org/10.2307/3341747>
- DAHER, A. 2011a. Panfleto contra 'tédio' da teoria. *O Globo*. Caderno Prosa e Verso, Rio de Janeiro, 19 fev., p. 3.
- DAHER, A. 2011b. Equívoco da equivalência. Caderno Prosa e Verso, *O Globo*, 05 mar., p. 5.
- DAMATTA, R. (org.). 1982. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Edições Pinakotheke, Rio de Janeiro, 126 p.
- EHRENBERG, A. 2010. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. São Paulo, Ideias & Letras, 240 p.
- FELINTO, E. 2001. Materialidades da Comunicação: por um Novo Lugar da Matéria na Teoria da Comunicação. *Ciberlegenda*, 5:1-16. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/felinto1.htm>. Acesso em: 12/08/2012.
- GEBAUER, G.; WULF, C. 2004. *Mimese na Cultura*. São Paulo, Annablume, 208 p.
- GUMBRECHT, H.U. 2010. *Produção de presença*. Rio de Janeiro, Contraponto/PUC-Rio, 208 p.
- GUMBRECHT, H.U. 1998. *Corpo e Forma*. Ensaios para uma crítica não-hermenêutica. Rio de Janeiro, EdUERJ, 180 p.
- GUMBRECHT, H.U. 1999. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro, Record, 557 p.
- GUMBRECHT, H.U. 2007. *Elogio da Beleza Atlética*. São Paulo, Cia. das Letras, 184 p.
- GUMBRECHT, H.U. 2011a. Uma questão de sentido. *O Globo*. Caderno Prosa e Verso, Rio de Janeiro, 26 fev., p. 3.
- GUMBRECHT, H.U. 2011b. Uma segunda resposta 'cordial'.

- O Globo*. Caderno Prosa e Verso, Rio de Janeiro, 12 mar., p. 5.
- HANKE, M. 2006. A Materialidade da Comunicação: um conceito para a ciência da comunicação? *Interin*, **1**(1):1-9.
- HELAL, R. 1990. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo, Editora Brasiliense, 80 p.
- LATOUR, B. 1994. *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro, 34 letras, 152 p.
- LATOUR, B. 2005. *Reassembling the social. An Introduction to Action-Network- Theory*. Nova York, Oxford University Press, 331 p.
- LOVISOLO, H.; SOARES, A.J. 2011. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: R. HELAL; H. LOVISOLO; A.J. SOARES (orgs.), *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 33-53.
- MCLUHAN, M. 2001. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 408 p.
- MELO, V.A. 2006. *Cinema & Esporte - Diálogos*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 140 p.
- ROCHA, J.C. de C. 1998. A materialidade da teoria. In: H.U. GUMBRECHT, *Corpo e Forma. Ensaios para uma crítica não-hermenêutica*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p. 7-22.
- SHAVIRO, S. 2010. The Universe of Things. Disponível em: <http://www.shaviro.com/Othertexts/Things.pdf>. Acesso em: 10/07/2012.
- SILVEIRA, F. 2010. Além da atribuição de sentido. *Verso e Reverso*, **24**(57):183-186.
<http://dx.doi.org/10.4013/ver.2010.24.57.07>
- TELLES, M.; SILVEIRA, F. 2011. O espetáculo do futebol: experiência estética e experiência midiática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIV, Recife, 2011. *Anais...* Recife, **1**:1-15.
- VERÍSSIMO, L.F. 2012. Apreciadores e apaixonados. *O Globo*. Caderno de Opinião, Rio de Janeiro, 1 jul., p. 7.
- WELSCH, W. 2001. Esporte - visto esteticamente e mesmo como arte? In: D. ROSENBERG (org.), *Ética e estética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 142-165.

Submetido: 12/10/2012

Aceito: 08/03/2013